

GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: A PRESENÇA DA MEDIAÇÃO COMO COMPONENTE DE ESTUDO

Calíope Victor Spíndola de Miranda Dias ¹

Dalton Martins Lopes ²

RESUMO

Compreendendo a mediação e suas funcionalidades, assim como a gestão da informação e seus atributos, este artigo oferece uma breve escrita a respeito do significado dos dois temas e discorre sobre uma ligação coesa entre estes. E para identificar a existência dessa ligação em âmbito mais estruturado, são levantadas informações de documentos pedagógicos curriculares das quatro instituições acadêmicas que oferecem o curso de graduação em gestão da informação no Brasil, e instiga-se a provocação da inclusão de princípios de mediação nos processos de formação do futuro profissional da gestão da informação.

Palavras-Chave:

Mediação, gestão da informação, construção do conhecimento, graduação em gestão da informação

ABSTRATC

Comprising the mediation, your functionalities as well as the information management and your attributes, this article offers a brief written in respect about the meaning of two themes, and discuss about a cohesive ligation between them. And, to identify the existence of that link in a more structured framework, informations of pedagogical curricular documents were raised of the four academic institutions that offers the graduation course in information management in Brazil, and it instigates the provocation of the inclusion of mediation principles in the processes of formation of the future information manager.

Key-Words:

Mediation, management of information, knowledge construction, graduation in management of information

¹ Graduanda em Gestão da Informação na Universidade Federal de Goiás

² Doutor em Ciência da Informação na Universidade de São Paulo, Professor assistente na Universidade Federal de Goiás

INTRODUÇÃO

Podemos perceber cada vez mais que estamos vivendo uma era de contexto informacional, e aceitar esta realidade tem sido necessário a cada passo. Devido à quantidade extensa de informações que são produzidas diariamente, profissionais da informação têm sido cada vez mais requisitados. Dentre estes profissionais está o gestor da informação que detém a responsabilidade de reduzir toda a sobrecarga informacional, gerenciando as informações para que estas possam estar disponíveis de maneira estratégica quando necessário. Nesse cenário, a mediação é um atributo de facilitação para esse tipo de profissional, ajudando-o a trabalhar aspectos da criação de significado, intervindo na maneira de como a informação é transmitida aos usuários sempre com o objetivo de facilitar o seu entendimento.

Partindo de ideias levantadas de estudos que abordam os temas de mediação e gestão da informação, e compreendendo de forma mais clara a ligação coesa entre os dois temas, viu-se a possibilidade de pesquisar a respeito da relação direta entre mediação e os cursos de gestão da informação.

Portanto, foi desenvolvido um estudo com o objetivo de entender melhor a mediação e suas funcionalidades, assim como o que é a gestão da informação e seus atributos e, para responder ao questionamento do emprego da mediação nos cursos de graduação da GI, foi realizada uma pesquisa aos documentos pedagógicos curriculares dos cursos de gestão da informação das Universidades Federais do Paraná, Uberlândia, Pernambuco e Goiás, para obter entendimento sobre esta última questão.

O QUE É MEDIAÇÃO

O contexto da comunicação é formado a partir da troca de informações, ideias e pensamentos. Através da construção do diálogo entre os indivíduos é que se constitui um campo informacional propenso a comunicações infinitas.

Partindo dessas afirmações, pode-se dizer que a interação social é algo imprescindível no processo da construção do conhecimento, que se dá a partir da dinâmica de troca de saberes e dos meios e canais pelos quais acontece a transferência destas informações, que possibilitam as ações comunicativas que são algo a se levar em conta dentro deste processo informacional.

A mediação é um dos canais que viabilizam o processo da interação social e construção de significado. Para Almeida Júnior (2006), mediação é uma intervenção do profissional da informação na maneira como a informação é transmitida aos receptores de forma a simplificar o entendimento. A mediação possibilita que a informação transmitida seja, de fato, relevante e atenda a real necessidade informacional do usuário.

Dessa forma, a mediação pode ser vista como um suporte que contribui de maneira significativa nesse processo de concepção de diálogos, que torna possível a comunicação entre indivíduos de culturas distintas. É um meio de facilitar a compreensão do indivíduo em sua construção do conhecimento de modo a estimular a elaboração de significado.

A mediação auxilia na socialização e comunicação entre indivíduos de grupos diversificados. Conhecer o modo de raciocínio do outro ajuda a compreender melhor a nossa forma de raciocinar, proporciona novos saberes e entendimentos culturais a partir da conjunção de pensamento cognitivos. Para Almeida Júnior (2009), o conhecimento não ocorre de forma isolada. Ele se constrói na relação com o mundo, na interação social entre um e o outro.

Para Rasse (2000, p. 61-75),

“A mediação se esforça para acolher, explicar, traduzir os processos, a partir do que cada indivíduo é, daquilo que cada um conhece, de sua própria cultura, por entendê-lo como estranho aos lugares e aos sujeitos culturais. A mediação reconhece que cada indivíduo é único. Assim, busca criar espaços onde ele possa ser reconhecido e respeitado, observando suas diferenças.”

Dessa forma, entende-se que a mediação possibilita que ações comunicativas rompam as barreiras sociais e informacionais que bloqueiam a troca de saberes entre os indivíduos além de tornar viável a compreensão entre diferentes pessoas, deixando claro que a capacidade cognitiva de cada um não deve ser vista como empecilho, mas sim como incentivo para a construção do conhecimento.

Para Le Roy (1997), o conhecimento deve ser transposto em informações a serem distribuídas aos usuários que irão determinar se estas serão ou não interpretadas e transformadas em conhecimento.

A partir disto, entende-se a importância da mediação como atributo de facilitação para o profissional da informação que atua como intermediário entre a

mensagem e os usuários. Ela é um agente presente, seja de maneira implícita ou explícita, em todas as etapas de ação destes profissionais.

Dentro dessa perspectiva de facilitação para o profissional da informação, Mallamann (2010) entende a mediação como um aspecto capaz de mobilizar e potencializar ações dentro de um universo.

Já para Gomes (2010, p. 85-89),

“A mediação relaciona-se com a comunicação e se caracteriza como um processo de intersubjetividades, resultante da negociação e da disputa de sentidos, que permite aos sujeitos ultrapassar e interpretar esses sentidos e gerar novas significações. A mediação se opõe ao imediatismo, porque demanda o jogo dialético e, pode também, ser compreendida como forma de elaboração do pensamento, o que aproxima da noção de apropriação, como processo criativo.”

Desse modo, a mediação oferece aos usuários diálogos, troca de saberes, aprendizados etc. Faz com que os indivíduos sejam membros de uma sociedade interativa e participativa, que deixem para trás o estado de receptores e comecem a fazer parte de uma rede de “usuários atores”, que detêm a responsabilidade, autoridade e capacidade de um raciocínio que contribuirá de maneira ativa na construção do conhecimento, o qual só é possível a partir das relações sociais já mencionadas.

Como destacado nos tópicos anteriores, a mediação detém uma contribuição altamente significativa nos processos de construção do conhecimento e elaboração de significados. Sendo assim, compreendendo sua importância, nas próximas seções iremos apontar alguns dos variados tipos/categorias da mediação.

TIPOS OU CLASSIFICAÇÃO DA MEDIAÇÃO

A delimitação de determinados tipos de mediação é defendida por diversos autores, o que leva a variados entendimentos dos modelos. Como já mencionado, a mediação está presente de forma ativa nas diversificadas ações comunicativas. Dessa forma, entende-se que a classificação é dependente do contexto em que essas ações se encontram.

Segundo Silva (2010), a mediação é vista no sentido cronológico, sendo classificada em custodial e pós-custodial. A custodial, existente até pouco antes da era da informação, tinha o foco passivo priorizando a segurança e armazenamento do patrimônio cultural, e a pós-custodial, posterior à era da informação, é fundamentada na

tecnologia da informação e na estrutura das redes voltada para interação e disseminação da informação entre os indivíduos de diferentes culturas.

Dentro da mediação pós-custodial, o autor identifica três tipos através da tabela abaixo:

TIPOS DE MEDIAÇÃO PÓS-CUSTODIAL	CARACTERIZAÇÃO
Institucional	Enquadra-se dentro das tradicionais instituições culturais, como são as Bibliotecas e as Arquivos, é exercida pelos mediadores especializados, como são os bibliotecários e os arquivistas, mas, ao mesmo, tempo é partilhada com informáticos e <i>designers</i> de informação, de quem depende a feitura do <i>website</i> através do qual são disponibilizados os acervos em depósito.
Distribuída e/ou partilhada	Ocorre em certos tipos de serviços e <i>media</i> digitais, como <i>websites</i> e <i>blogs</i> , pertencentes a entidades colectivas e a indivíduos, em que há o(s) mediador(es) que localiza(m), digitaliza(m), seleciona(m) e disponibiliza(m) conteúdos, há o <i>designer</i> e a empresa que vendem ou fornecem de forma livre a aplicação e há aderentes ao serviço que são convidados a intervir activamente com conteúdos e comentários.
Cumulativa	À medida que se inovam e expandem mais as possibilidades tecnológicas (novas soluções e produtos) o papel do “ <i>prossumidor</i> ” (produtor e usuário) cresce enormemente, desenvolvendo um tipo de mediação cumulativa que pode abranger a de <i>designer</i> e de programador, e que produz efeitos e é condicionada através da activa participação em comunidades que agregam interagentes idênticos ou parecidos.

Tabela 1: Tipos da mediação pós-custodial e informacional. Fonte: Silva (2010, p. 31)

Sampaio e Neto (2014) entendem a mediação aplicada em sete áreas distintas; mediação familiar, empresarial e organizacional, trabalhista, ambiental, comunitária, escolar e, por fim, a mediação no terceiro setor.

Já para Davallon (2003), o termo mediação é visto entre o senso comum que é subdividido em dois tipos: o primeiro que parte da ideia de conciliação ou reconciliação, tem como intuito levar ao consenso duas partes ou mais que estão em conflito, gerando um acordo entre elas, e o segundo senso, que tem um uso mais corriqueiro, é ligado à

ação de intermédio. Viabiliza um estado satisfatório mais elevado entre as partes, é uma mediação de saberes que agrega valor na construção de sentido; além do tipo operativo, que representa a maneira como a mediação será difundida para detalhar um processo específico.

Ainda falando sobre tipos de mediação, temos a cultural e a pedagógica. No contexto artístico cultural, Teixeira Coelho (2004, p. 248) entende a mediação como "processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte". Para Mallmann (2010) o sentido da mediação pedagógica é característico dos mediadores como os materiais didáticos que promovem o encontro de professores, estudantes e conhecimentos no âmbito das modalidades presencial e a distância. Trata-se das diversas formas de o profissional educador potencializar a maneira de ensinar e transmitir informações aos estudantes.

A partir destas visões, é possível perceber que há múltiplas possibilidades de categorias de mediação. Quando, como e qual modelo deve ser posto em prática, conforme já mencionado acima, é decorrente do cenário vigente.

Logo, é conveniente que seja feita uma análise minuciosa sobre o contexto trabalhado com o objetivo de identificar quais técnicas de mediação são apropriadas, tendo como base as tipologias expostas ou, até mesmo, desenvolver metodologias singulares que atendam a processos específicos.

A DINÂMICA DA MEDIAÇÃO

A mediação é um processo que requer um dinamismo intenso para que os objetivos visados durante o desenvolvimento possam ser alcançados com êxito. Para tanto, almejando uma melhor compreensão e visibilidade, Sampaio e Neto (2014) decompõem o processo em oito etapas.

1- Pré-mediação

Nem sempre é considerada uma etapa no processo, é o momento em que se ajusta a parte burocrática. Esta etapa é o primeiro contato dos mediados com o método em si e é a partir disto que se inicia a construção da confiança entre as partes.

2- Abertura

É a ocasião para se esclarecer o processo, como funciona e quais regras devem ser seguidas para que se estabeleça a comunicação entre as partes. Nesta etapa o

mediador deve estabelecer uma escuta ativa e atenta, absorvendo cada detalhe, além de definir criteriosamente a sua função e dos mediados no processo.

3- Investigação

Nessa etapa o mediador vai conhecer os mediados e a complexidade da inter-relação entre eles por meio de perguntas provocativas a respeito das comunicações já estabelecidas.

4- Agenda

É uma pauta de trabalho que orientará o processo da mediação. Definem-se os temas que serão objetos de modificação ou solução que são estabelecidos pelas partes envolvidas e posteriormente eleitos por critério de importância e prioridade de cada um.

5- Criação de opções

Oportunidade de exercer a criatividade de forma conjunta em busca de ideias que sirvam de soluções para as barreiras apresentadas. Entende-se que quanto maior o número de opções, maior será a chance de resoluções. Portanto, o momento é para estimular e colher ideias, não avaliar.

6- Avaliação das opções

É construída uma possível visão do cenário futuro a partir da análise de cada opção levantada pelas partes.

7- Escolha das opções

Após levantar as ideias para solucionar as dificuldades apresentadas, o mediador auxiliará na escolha daquela opção que mais atender a estas necessidades por meios viáveis e aceitos juridicamente.

8- Solução

É a etapa que finaliza o processo. Expõe todos os compromissos acordados para a transformação ou solução. O mediador deve usar palavras claras no desenvolvimento do termo final para que não existam dúvidas a respeito da responsabilidade e dever de cada parte envolvida.

A partir da divisão das etapas na dinâmica da mediação é possível enxergar o processo de forma mais clara, tornando-o mais compreensível e construtivo para o campo interativo da construção de saberes.

Já que a mediação é tão importante e estratégica para facilitar estes processos da produção de significado e conhecimento, é preciso entender como ela é trabalhada na

Gestão da Informação. Para avaliar, vamos conhecer o que é a GI e avaliar se ela trabalha a mediação em seu processo de formação.

O QUE É GESTÃO DA INFORMAÇÃO?

A sobrecarga informacional na qual temos convivido diariamente tem exigido que estratégias de gerenciamento sejam elaboradas com o intuito de organizar um fluxo contínuo de informações, demandando que elas tenham capacidade de contribuir de forma significativa em contextos distintos.

No cenário atual, representado por essa “enxurrada de informações”, na era da comunicação virtual, da facilidade de acesso a todo tipo e forma de informação, a GI se mostra efetivamente importante e necessária na tarefa da redução de toda essa sobrecarga informacional.

Teixeira Filho (2000, p.57), entende que,

“A informação parece ser o ativo mais importante para as organizações neste momento. Os indivíduos são expostos a uma grande quantidade de informação a cada dia. [...] Sem informação, os indivíduos não conseguem tomar decisões adequadas. E quem imagina hoje, uma organização funcionando sem que decisões estejam sendo tomadas todo o tempo, em todos os níveis? ”

A gestão da informação, embora tenha a sua definição continuamente discutida por diferentes autores, é comumente relacionada a um contexto estratégico e social de gerenciamento.

Na elaboração de estratégias existem pontos elementares, e um destes aspectos determinantes parte da gestão do conhecimento, entendido que a construção desses modelos estratégicos é possível a partir de perspectivas pessoais e intuitivas. Entretanto, a GI é também relevante, visto que tem como dimensões a informação e o conhecimento explícito.

Para Marchiori (2002), GI é uma estratégia capaz de coletar, organizar, tratar e disponibilizar as informações de maneira direcionada e atrativa aos reais interessados por meio de produtos e serviços. Dessa forma, a partir destas etapas realizadas, a informação adquire maior visibilidade provocando a ativação da gestão do conhecimento de cada um.

Ainda segundo Marchiori (2002, p. 75),

“[...] a gestão da informação tem, por princípio, focar o indivíduo (grupos ou instituições) e suas ‘situações-problema’ no âmbito de diferentes fluxos de informação, os quais necessitam de soluções criativas e custo/efetivas.”

Sendo assim, podemos entender GI como um modo de gerenciar de forma minuciosa o vasto campo informacional, tornando possível a disponibilização da informação necessária no momento oportuno e em tempo hábil, tornando as tomadas de decisões mais eficazes e eficientes.

Como citado anteriormente, a gestão da informação é ligada a diferentes formas de estruturar e gerir informações. Contudo, é necessário que se tenha em questão a ligação da GI com o usuário e suas usabilidades.

Gerir informações eficazes exige do usuário-ator um pensamento cognitivo otimizado e um raciocínio estruturado. A comunicação efetiva e a capacidade de fazer uso de ferramentas que servirão de apoio na elaboração de estratégias organizacionais são pontos imprescindíveis na gestão da informação.

Para Ponjuán Dante (1998),

“...a gestão da informação deve incluir, em dimensões estratégicas e operacionais, os mecanismos de obtenção e utilização de recursos humanos, tecnológicos, financeiros, materiais e físicos para o gerenciamento da informação. E conclui que dessa forma a informação poderá ser disponibilizada como insumo útil e estratégico para indivíduos, grupos e organizações.” - Ponjuán Dante 1998 *apud* Marchiori, 2002, p.94).

Entretanto, para Moraes e Fadel (2007, p. 110), não há uma forma ideal de organizar a GI, visto que o processo possui diferentes etapas e diversas formas. Cada organização demanda necessidades e interesses distintos requisitando, dessa forma, a elaboração de um modelo de gestão da informação específico para cada ocasião.

Como observado nos tópicos anteriores, se a gestão da informação quando desenvolvida e aplicada de forma elaborada, acarreta melhorias consideráveis e visíveis nos contextos aplicados, a GI propõe um jeito de gerenciar diferenciado. Nas organizações, por exemplo, gera competitividade no mercado, reduz gastos desnecessários e aumenta a lucratividade a partir de decisões mais precisas devido à otimização e ao gerenciamento das informações capturadas.

Além disso, para Zorrinho (1995, p.146), a GI ainda viabiliza selecionar de um repositório de informação disponível, aquela que é mais relevante para uma determinada decisão, propiciando ações rápidas e flexíveis aos cenários ambientes.

Informação e conhecimento são fenômenos organizacionais com interação estratégica, como pode ser observado no quadro proposto por Barbosa (2008):

<i>Critério</i>	<i>Gestão da informação</i>	<i>Gestão do conhecimento</i>
Fenômenos centrais	Informação ou conhecimento explícito	Conhecimento tácito, competências pessoais
Visibilidade dos fenômenos	Baixa	Muito baixa
Processos críticos	Organização e tratamento da informação	Descoberta e compartilhamento do conhecimento
Nível de centralidade para a gestão estratégica	Mediana	Alta
Influência da cultura organizacional sobre processos e resultados	Mediana	Alta
Possibilidade de gerenciamento	Baixa ou mediana	Baixa ou muito baixa
Outros conceitos relacionados	Sistemas de informação, gestão eletrônica de documentos	Capital intelectual, ativos intangíveis, aprendizagem organizacional
Principais campos disciplinares envolvidos	Ciência da computação, ciência da informação, biblioteconomia, arquivologia	Administração, ciência da informação

Quadro 1 - Uma comparação entre a gestão da informação e a gestão do conhecimento. Fonte: Barbosa (2008, p. 14)

Nos critérios apresentados, entende-se que a gestão da informação possui maior visibilidade, tendo maior possibilidade de representação escrita ou gráfica, diferente da gestão do conhecimento que referencia os conhecimentos pessoais de cada um, os quais nem sempre chegam a ser registrados ou documentados. Entretanto, quando trabalhados os dois fenômenos de forma conjunta geram um maior significado dentro das organizações, pois como demonstrado na tabela 01 a GI trabalha no nível gerencial, com processos, documentos, arquivos etc., e a GC atua no nível de recursos humanos, trabalhando o capital intelectual.

Sendo assim, o quadro nos possibilita entender de forma separada o que cada um dos fenômenos representa, mas deixando explícito que a GI e a GC são fenômenos que se complementam e devem ser trabalhadas de maneira conjunta para uma melhor comunicação interna e externa.

A partir da análise desses dois conceitos é possível identificar uma mediação implícita nos critérios e funções estabelecidas, como um suporte que contribui para o processo da construção de significados e como um atributo de facilitação entre estes fenômenos e suas atribuições.

MEDIAÇÃO NA GESTÃO DA INFORMAÇÃO

A mediação possui funcionalidades que podem agregar benefícios para a gestão da informação, já que ela é também relacionada ao contexto social e estratégico, e a mediação pode ser compreendida como um atributo de facilitação dentro destes contextos devido a sua capacidade de mobilização e potencialização.

Quando observamos os critérios: “Fenômenos centrais” e “Processos críticos” em relação à gestão da informação e gestão do conhecimento, a partir de uma análise do Quadro 1 de Barbosa (2008), é possível entender características que estruturam a GI de forma implícita.

Quanto a “Informação ou conhecimento explícito” e “Organização e tratamento da informação” em GI, entende-se que a forma de tratamento das informações visando a sua disseminação e disponibilidade interfere de forma direta na construção do conhecimento e, neste processo, o profissional da informação deve atuar como um mediador que irá trabalhar para que as informações sejam explícitas para o usuário.

Para “Conhecimento tácito, competências pessoais” e “Descoberta e compartilhamento do conhecimento” em GC, compreende-se que a criação de significado dependerá do usuário, que de acordo com suas capacidades cognitivas irá transformar suas informações em conhecimentos tácitos e passíveis de compartilhamento, o que traz referência à mediação e sua característica de potencialização de diálogos e da interação social.

Entendendo que o cenário da gestão da informação é composto pela sinergia dos aspectos representativos de GC e GI, que a mediação é presente de forma subtendida nesses aspectos, e que os cursos de graduação nesta área devem seguir a mesma base de raciocínio, existe relação direta entre mediação e estes cursos de gestão da informação?

O atual cenário acadêmico do Brasil dispõe de quatro instituições federais que oferecem o curso de graduação em Gestão da Informação que são as Universidades

Federais do Paraná, Uberlândia, Pernambuco e Goiás. Com as ideias já apresentadas a respeito da importância da mediação dentro da GI, viu-se a oportunidade de se analisar os documentos pedagógicos curriculares, que são constituídos por informações explicativas a respeito de objetivos, componentes curriculares, ementas, expectativas profissionais etc., de cada um destes cursos.

A proposta de pesquisa teve como foco identificar a palavra “mediação” atribuída nestas documentações. A busca pela palavra-chave em questão não foi identificada na maioria dos documentos estendendo, dessa forma, o campo de pesquisa para a palavra “media”.

Na UFU, foi encontrado o termo “intermediação” que se assemelha ao conceito de mediação. Mencionada no contexto de caracterização do profissional do graduando em GI, a palavra é citada no tópico de apresentação da seguinte forma: “Essas pesquisas indicaram que há no mercado a necessidade de profissionais capacitados a fazerem a intermediação entre as necessidades dos analistas de sistemas e os gestores das organizações”.

Na UFG, foi identificado o termo “intermediário” que também se assemelha a mediação e também caracteriza o profissional esperado do curso, é citado no tópico que expõe os motivos de criação do curso de graduação: “e) É necessária a existência de um “agente vinculador”, que atuará como intermediário de valor entre necessidades e fontes de informação.”, e, quando apresentados os três profissionais (bibliotecário, arquivista e TI) atualmente requisitados para atuarem como “agente vinculador”, o termo “intermediário” é novamente mencionado: “No entanto, no cotidiano das organizações, é fácil constatar que a atual formação destes três profissionais não é suficiente para lidar com a gestão de processos e produtos de informação intermediados pelas novas e plurais tecnologias de informação e comunicação.” No tópico que apresenta as habilidades envolvidas na distribuição da informação a palavra mediada é citada da seguinte forma: “Estimular o uso de informação, nos formatos adequados e por meio de diferentes canais de comunicação, tais como: comunicações mediadas por computador (e-mails, intranet e internet).”.

É possível, ainda, encontrar o termo “mediação” inserido na bibliografia complementar das disciplinas “Usos e Usuários da Informação”: “ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: pluralidade teórica, diversidade de objetos.

Comunicação oral apresentada ao GT03 – Mediação, Circulação e Uso da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, Rio de Janeiro, RJ.” e “Comportamento Informacional”: “VALENTIN, Marta (Org.). Gestão, mediação e uso da informação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.” no contexto de transição da informação.”

Na UFPE, o número de ocorrências sobressai às demais instituições. O termo “mediadora” aparece três vezes compreendendo a informação como colaboradora na construção do conhecimento humano, como visto na primeira citação: “Os docentes e discentes reconhecem o compromisso social deste campo científico e o contexto social das pessoas que produzem, buscam e usam a informação na perspectiva de esta ser mediadora do conhecimento humano.”, segunda: “É, portanto, nos processos de construção, comunicação e uso da informação o espaço em que atua o gestor da informação. Suas principais funções são de natureza mediadora e participadora de equipes multidisciplinares de trabalho e de aplicação de métodos e instrumentos de pesquisa em CI para gerir o fluxo informacional, dentro de um determinado contexto, na perspectiva da construção do conhecimento.” e na terceira: “O valor da informação e dos serviços de informação. A informação como apoio ao processo e mediadora do conhecimento.”

Já o termo “intermediário”, surge no tópico de descrição e funções do profissional gestor da informação: “É, portanto, o processo intermediário que permite a troca de informações entre as pessoas.”, refere-se à interação social que compreendemos aqui como contrapartida no processo de construção do conhecimento. O termo “mediações” foi encontrado em disciplina seletiva: “Relações etnicorraciais, afrodescendência e mediações da informação e da cultura.”, que referencia o contexto intercultural. E, por último, o termo “mediação” é visto em projeto de ação extensionista como “Mediação de Leitura”, que foge ao contexto de mediação aqui discutido.

Já na UFPR, que teve como documento analisado a grade curricular (devido à indisponibilidade do PPC), não foi encontrado o termo mediação ou outro semelhante.

Com base nas ideias aqui levantadas a respeito das funcionalidades da mediação, infere-se que os contextos em que estes termos foram mencionados, mesmo que em pouca quantidade, podem ser entendidos como um possível consentimento da mediação na atuação do gestor da informação.

Apesar de a análise nos mostrar um quadro ainda incompleto devido à pouca utilização do termo “mediação” dentro dos documentos pedagógicos dos cursos mencionados, justamente as poucas citações indiretas nos levam a pensar em possíveis reestruturações curriculares. A mediação ainda não está presente de forma ativa na formação dos graduandos em GI e, devido a este fato, é viável provocar um questionamento a respeito da inclusão dos processos de mediação na formação desses futuros profissionais, já que as características do tema mediação podem ser inseridas no mesmo âmbito da gerência informacional.

A metodologia de pesquisa aplicada foi suficiente para este primeiro momento de questionamento. Entretanto, para que tenhamos resultados mais precisos a respeito do uso da mediação dentro dos cursos, é importante que sejam feitas em trabalhos futuros pesquisas mais aprofundadas. A mediação pode já estar sendo discutida dentro de salas de aulas e demais ambientes de ensino e, portanto, é desejável que se realizem entrevistas com pessoas que estejam envolvidas diretamente no campo acadêmico que detêm informações mais completas, tais como coordenadores, professores e estudantes.

CONCLUSÃO

As palavras associadas à mediação encontradas a partir da pesquisa sucedida podem ser interpretadas como um início da compreensão da importância do uso da mediação na composição curricular dos cursos oferecidos. Entretanto, os contextos em que estas foram mencionadas não fazem referência direta ao contexto de mediação aqui discutido, que é um contexto de estímulo à construção do conhecimento e formação de diálogos provocativos que fazem o usuário explorar sua capacidade de criação de sentidos e significados. A mediação que deve compor a formação acadêmica do graduando em GI é aquela que irá induzir o receptor a se tornar um usuário-ator com uma intensificação de sua capacidade de raciocínio, e que fará com que ações comunicativas sejam estabelecidas em ambientes distintos com diferentes comutações de saberes.

Os processos de gestão da informação seriam mais bem executados se estes utilizassem os conceitos da mediação como alicerce. A base da GI atualmente está relacionada a questões como a identificação da necessidade informacional, e a mediação seria um atributo norteador neste processo, visto que é preciso identificar os usuários e ajudá-los a descobrir suas reais necessidades, o que se torna possível a partir da

interação social que proporciona diálogos construtivos estimulando a troca de informações entre indivíduos.

Dessa forma, o resultado aqui levantado nos leva a interpretar que a mediação ainda é um atributo omissos nos cenários acadêmicos referentes à gestão da informação, o que nos leva ao questionamento de uma possível inclusão dos processos de mediação nessa etapa da formação de futuros profissionais informacionais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R.R. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas, *Inf. Inf.*, Londrina, v. 13, n. esp., p. 1 - 25, 2008.

CIPRA, G.; RODRIGUES, B. C. A recuperação da informação e o conceito de informação: o que é relevante em mediação cultural?, *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.16, n.1, p.45-64, jan./mar. 2011.

Currículo Pleno do Curso de Gestão da Informação. Disponível em: <<http://www.decigi.ufpr.br/documentos/mapagradecurricular.htm>> Acesso em 13 de junho de 2015

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? *Prisma.com*, n.4, p. 3 - 36, 2007.

GOMES, H. F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento, *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.9, n.1, fev/08.

GOMES, H. F. Grupo de Trabalho 3: Mediação, circulação e apropriação da informação, tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009), *Pesq. bras. ci. inf.*, Brasília, v.3, n.1, p.85-99, jan./dez. 2010

JÚNIOR, O. F. A. Grupo de Trabalho 3: Mediação, circulação e uso da informação; mediação da informação e múltiplas linguagens, *Pesq. bras. Ci. Inf.*, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.

MALLMANN, E. M. Redes E Mediação: Princípios epistemológicos da teoria da rede de mediadores em educação, *Revista Iberoamericana de Educación.*, n. 54, p. 221-241, 2010.

MARCHIORI, P. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, maio/ago, 2002.

MORAES, Cassia Regina Bassan de; FADEL, Bárbara. Ambiência organizacional, gestão da informação e tecnologia. In: VALENTIM, Marta Ligia Pomim (Org.). *Informação, conhecimento e inteligência competitiva*. Marília: Fundepe Ed., 2007. Cap. 6.

Projeto pedagógico do curso de graduação em gestão da informação. Disponível em: <https://gestaodainformacao.fic.ufg.br/up/400/o/PPC_GI_Recebido_Junho2014.pdf> Acesso em 13 de junho de 2015

Projeto Pedagógico do Curso de graduação em Gestão da Informação. Disponível em: <https://www.ufpe.br/dci/images/documentos/2013/ppc_2013_2.pdf> Acesso em 13 de junho de 2015

Projeto Pedagógico do Curso de Gestão da Informação. Disponível em: <<http://www.fagen.ufu.br/sites/fagen.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/Projeto%20Pedagogico%20revisado%20final%202013.pdf>> Acesso em 13 de junho de 2015

SAMPAIO, Lia Regina Castaldi; NETO, Adolfo Braga. O que é mediação de conflitos. São Paulo: Brasiliense, 2014. Cap. V e VIII.

SILVA, A. M. Mediações e mediadores em Ciência da Informação, PRISMA.COM, n. 9, 2010, ISSN: 1646 – 3153.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. Gerenciando conhecimento: como a empresa pode usar a memória organizacional e a inteligência competitiva no desenvolvimento dos negócios. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

ZORRINHO, C. Gestão da Informação. Condição para Vencer. Lisboa: Iapmei, 1995.